

A SEXUALIDADE FEMININA NA PSICANÁLISE: O CASO MADAME BOVARY*

Márcio Mariguela**

"Nós, de nossa parte, sofremos nossas perdas e ou conseguimos sublimá-las, ou ficamos mais duros depois. Emma está tão longe quanto possível do admirável aforisma de Nietzsche: o que não me destrói me fortalece. Suas perdas vão enfraquecendo-a e acabam por destruí-la. Ela representa assim, algo de teimoso que existe em nós, algo talvez de infantil, que se recusa a acreditar que um objeto possa estar perdido para sempre"

Harold Bloon, "O assassinato de Madame Bovary"
in: *Jornal Folha de São Paulo* - 09/04/95

Na conferência XX de 1917, Freud inicia uma descrição da vida sexual dos seres humanos, definindo o conceito de sexual como sendo "tudo o que se relaciona com a distinção entre os dois sexos". Desta premissa, extrai uma conclusão: aquilo que é sexual é da ordem do impróprio. Assim, sexual é "algo que reúne uma referência ao contraste entre os sexos, à busca de prazer, à função reprodutora e às características de algo que é impróprio e deve ser mantido secreto"¹. Encontrei nesta conferência, uma referência à Gustave Flaubert, autor de "Madame Bovary".

Freud faz referência à obra "A tentação de Santo Antônio", escrita por Flaubert em 1849. Segundo Freud, Flaubert faz desfilar ante os olhos do piedoso santo, a longa procissão de deuses e crentes desaparecidos. Valendo-se desta referência à literatura, Freud introduz o tema da perversão como este algo impróprio que define como sexual. A classe de pervertidos representam a "longa lista de pessoas anormais cuja atividade sexual diverge cada vez mais amplamente

* Conferência proferida no Ciclo "Cinema e o Pensamento Psi: o Desejo em Cena" - 09/05/1997

** psicanalista, Membro da Escola de Psicanálise de Campinas e professor de Filosofia na Unimep.

¹ *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*, Rio de Janeiro:Imago, volume XVI, 1976, p.356. Doravante designada simplesmente como ESB.

daquilo que parece desejável para uma pessoa normal" ².

Esta referência à literatura é uma constante em todos os escritos de Freud. Parece-nos que Freud sustenta suas descobertas clínicas nos escritos literários: o suporte do complexo Édipo é um bom argumento para demonstrar o estatuto do texto literário na elaboração teórica de Freud. Certamente conhecia a "Madame Bovary" de Flaubert. Desde a carta à Fliess de 15/10/1897, Freud estabeleceu o complexo de Édipo como "acontecimento universal do início da infância". A mito do herói trágico grego, serviu como matriz estilística para Freud expor sua teoria da sexualidade infantil. Através do complexo de Édipo e do complexo de castração, estabeleceu os elementos psíquicos que atuam na constituição imaginária sobre a diferença anatômica entre os sexos.

Em 1905, Freud publica seus "Três ensaios sobre a Teoria da Sexualidade" para sustentar a hipótese da sexualidade infantil como agente etiológico das neuroses de transferência. No segundo ensaio, afirmou que a pulsão de saber é composta de duas fontes motivadoras: a forma sublimada de dominação e a energia escopofílica. A psicanálise constatou "que, na criança, a pulsão de saber é atraída, de maneira insuspeitadamente precoce e inesperadamente intensa, pelos problemas sexuais, e talvez até despertada por eles" ³. Quais são os problema sexuais que atrai a pulsão de saber? A pergunta pela origem (de onde vêm os bebês?) e questão da diferença sexual⁴.

Freud acentua que a questão da diferença sexual é posterior a pergunta pela origem dos bebês, isto porque "o fato de existirem dois sexos é inicialmente aceito pela criança sem nenhuma rebeldia ou hesitação. Para o menino, é natural presumir uma genitália igual à sua em todas as pessoas que ele conhece, sendo impossível conjugar a falta dela com sua representação dessas outras pessoas" ⁵. Poderíamos perguntar a Freud: e para a menina? "Já a garotinha não incorre em semelhantes recusas ao avistar os genitais do menino, com sua conformação diferente. Está pronta a reconhecê-lo de imediato e é tomada pela inveja

² ESB XVI, p.357.

³ ESB VII, p.182.

⁴ Ver os artigos "O esclarecimento sexual das crianças" (1907) e "Sobre as teorias sexuais das crianças" (1908), onde há argumentos importantes sobre o tema. In: ESB IX.

do pênis, que culmina no desejo de ser também um menino, tão importante em suas conseqüências"⁶. Tudo se passa da seguinte maneira: o menino quando descobre a genitália da menina, finge que não viu e a menina leva a sério o que viu e quer um também.

O tema da inveja do pênis serviu a muitas controvérsias nas diferentes leituras sobre a sexualidade infantil desvelada por Freud. No ensaio "Algumas conseqüências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos", publicado em 1925, encontramos referências para compreender uma mudança de abordagem teórica no que diz respeito a posição da menina frente a castração, conseqüência psíquica da inveja do pênis.

A sexualidade feminina foi adjetivada por Freud como "um continente obscuro". A obscuridade que envolve o tema sempre foi ressaltada pelo autor⁷. O editor inglês da Coleção Standard faz um apanhado de citações na apresentação do ensaio, com a finalidade de mostrar a situação de Freud na pesquisa sobre a sexualidade feminina. Peter Gay, historiador norte-americano, em sua biografia de Freud, dedica um capítulo à posição de Freud sobre o tema da mulher como "o continente negro". Cita a famosa frase que Freud teria dito à princesa Marie Bonaparte: "Was will das Weib?" (O que quer a mulher?)⁸.

Logo nos primeiros parágrafos do artigo "Algumas conseqüências...", Freud adverte-nos que em sua teoria da sexualidade infantil predominou fundamentalmente o sexo masculino, o menino. Seu objetivo neste artigo é inverter o grau de importância atribuída nos "Três ensaios..." ao problema da origem dos bebês. A questão da diferença sexual ganha relevo para as investidas de Freud no "oceano de obscuridade" que envolve a sexualidade feminina: "existe um contraste interessante entre o comportamento dos dois sexos. Na situação análoga, quando um menino pela primeira vez chega a ver a região genital de uma menina, começa por demonstrar irresolução ou falta de interesse; não vê

⁵ Idem, p.182.

⁶ Ibidem, p.183.

⁷ Nas *Novas Conferências Introdutórias* de 1932 (XXXIII – "Feminilidade"), Freud afirmou: "a psicanálise não tenta descrever o que é a mulher –seria esta uma tarefa difícil de cumprir-, mas se empenha em indagar como é que a mulher se forma, como a mulher se desenvolve desde a infância dotada de disposição bissexual". In: ESB XXII, p.117.

nada ou rejeita o que viu, abranda a expressão dele ou procura expediente para colocá-lo de acordo com suas expectativas"⁹. Aqui ainda está em jogo a mesma posição assumida em 1905 nos "Três ensaios...".

Quanto a menina, Freud assim se expressa: "A menina se comporta diferentemente. Faz seu juízo e toma sua decisão num instante. Ela o viu, sabe que não o tem e quer tê-lo (...) A esperança de algum dia obter um pênis, apesar de tudo, e assim tornar-se semelhante a um homem, pode persistir até a idade incrivelmente tardia e transformar-se em motivo para ações estranhas e doutra maneira inexplicáveis"¹⁰. Freud é enfático ao afirmar que uma "menina pode recusar o fato de ser castrada, enrijecer-se na convicção de que realmente possui um pênis e subseqüentemente ser compelida a comportar-se como se fosse homem" ¹¹.

As conseqüências psíquicas da inveja do pênis é extraída desta tomada de decisão num instante. Em outras palavras, enquanto o menino sairá do complexo de Édipo pela via da castração, a menina nele entrará por esta porta: aquilo que para o menino é a saída, para a menina é a entrada. É por isso que Freud afirma: "nas meninas, o complexo de Édipo é uma formação secundária. As operações do complexo de castração o precedem e preparam. A respeito da relação existente entre complexos de Édipo e de castração, existe um contraste fundamental entre os sexos. Enquanto, nos meninos, o complexo de Édipo é destruído pelo complexo de castração, nas meninas ele se faz possível e é introduzido através da castração" ¹².

Freud voltou ao tema em 1931. No artigo "Sexualidade Feminina" afirmou: "no desenvolvimento feminino, há um processo de transição de uma fase para outra, do qual nada existe de análogo no homem"¹³. A vida sexual das meninas é dividida em duas fases: a primeira possui um caráter masculino (ativo) e na segunda um caráter feminino (passivo). Esta divisão em duas fases (ou dois tempos) obedece

⁸ GAY, Peter *Freud: uma vida para nosso tempo*, São Paulo:Cia das Letras, 2ª ed., 1989, pp.454-474.

⁹ ESB XIX, p.313.

¹⁰ Idem, p.314.

¹¹ Ibidem, p.315.

¹² Ibidem, p.318.

¹³ ESB XXI, p.262.

um princípio anatômico representado psiquicamente: enquanto o homem possui apenas um único órgão sexual, as mulheres possuem dois: a vagina (o órgão genital propriamente dito) e o clitóris (análogo ao órgão masculino). A argumentação de Freud é sustentada à partir de duas observações clínicas: a ligação intensa da mulher com o pai foi precedida por uma ligação exclusiva com a mãe, e o tempo desta ligação com a mãe vai até aos 4-5 anos. Disto isto, o objetivo do autor neste ensaio é investigar a fase pré-ediapiana nas mulheres.

Na primeira fase, as representações sexuais na menina gira na órbita do clitóris; na segunda, a vagina se constitui como órgão de representação da feminilidade. Freud afirma que "a vagina é virtualmente inexistente e, possivelmente, não produz sensações até a puberdade"¹⁴. O elemento fundamental aqui em questão é a posição ativa e passiva¹⁵ que constitui o masculino e o feminino e o elemento que decide o percurso da libido é o reconhecimento desta condição fálica inicial. Desta forma, a sexualidade feminina é marcada por dois tempos que incidem uma mudança da zona genital (do clitóris à vagina) e uma mudança de objeto libidinal (da mãe ao pai).

Voltando aos "Três ensaios...", encontraremos uma importante parágrafo para compreender estes dois tempos descritos: "a puberdade, que no menino traz um avanço tão grande da libido, distingui-se, na menina, por uma nova onda de recalçamento que afeta justamente a sexualidade do clitóris. O que assim sucumbe ao recalçamento é uma parcela de sexualidade masculina. O reforço das inibições sexuais criado por esse recalçamento da puberdade na mulher fornece então um estímulo à libido do homem, e obriga a um aumento de sua atividade; com essa intensificação da libido aumenta também a supervalorização sexual, que só aparece plenamente diante da mulher que recusa, que renega sua sexualidade. Quando enfim o ato sexual é permitido, o próprio clitóris é excitado e compete a ele o papel de retransmitir essa excitação para as partes femininas vizinhas, assim como as lascas de lenha resinosa podem ser aproveitadas para atear fogo a um pedaço de lenha mais

¹⁴ Idem, p.262.

¹⁵ Na carta de Freud à Fliess de 06/12/1896 encontra-se argumentos decisivos para compreender a elaboração teórica inicial da posição assumida no artigo sobre a sexualidade feminina. In: *A Correspondência Completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess (1887-1904)*, Editado por Jeffrey Moussaieff Masson, Rio de Janeiro:Imago, 1986.

dura”¹⁶.

Faremos uma interrupção na leitura dos artigos citados para buscar um viés que nos aproxime da "Madame Bovary" de Flaubert. Vou destacar duas passagens no texto de Flaubert, ressaltando dois aspectos da posição teórica de Freud: o primeiro diz respeito a tomada de decisão da menina (inveja do pênis), o segundo, ao fator condicional da repressão que incidem sobre a excitação clitoriana na mulher. Posteriormente veremos a leitura do cineasta Claude Chabrol.

“Madame Bovary” é o romance considerado como o mais importante da literatura francesa. Sua publicação em folhetim, começou a sair em 1856 na *Revue de Paris* e como livro em 1857. A obra acarretou a Flaubert um processo por ofensa à moral pública e religiosa. No julgamento, perguntaram-lhe quem teria sido o modelo, tal a veracidade da personagem. Sua resposta é antológica: “Madame Bovary sou eu”. Numa carta de 21/10/1851 ao editor da *Revue de Paris*, Flaubert escreveu: “você sabe muito que sou o homem de ardores e de abatimentos. Se você conhecesse todos os invisíveis fios de inação que cercam meu corpo e todas as brumas que flutuam em meu cérebro! Experimento freqüentemente uma fadiga de matar de tédio quando é hora de fazer alguma coisa seja lá o que for, e é só por meio de grandes esforços que consigo captar a mais clara das idéias. Minha juventude me mergulhou em não sei que ópio de estupidez pelo resto de meus dias. Eu tenho ódio à vida. A frase saiu, que fique! Sim, à vida, e a tudo o que me lembra que é preciso suportá-la. (...) Não é preciso que cada um siga seu caminho? Se rejeito o movimento é porque talvez eu não saiba andar. Há momentos em que acredito que estou errado porque quero fazer um livro razoável e por não me abandonar a todos os lirismos, violências, excentricidades filosóficas-fantásticas que me aparecem. Quem sabe? Será que um dia vou parir uma obra que pelo menos seja só minha?”¹⁷. Cinco anos depois nascia sua “Madame Bovary”.

A descrição da personagem é estupenda. Destaco algumas passagens para ilustrar: Ema “sentia necessidade de poder tirar das coisas uma espécie de proveito próprio, e repelir como inútil tudo o que não contribuísse para a

¹⁶ ESB VII, p..208.

¹⁷ FLAUBERT, Gustave *Cartas Exemplares*, Rio de Janeiro:Imago, 1993, p.57.

alegria imediata do coração, porque tinha um temperamento mais sentimental que artístico, procurando emoções e não paisagens”; “quanto mais próximas lhe ficavam as coisas, mais eu pensamento se afastava delas (...) confundia, no desejo, a sensualidade do luxo com as alegrias do coração, a elegância dos hábitos com a delicadeza dos sentimentos”; “vivia como perdida no gozo antecipado de sua próxima felicidade”¹⁸.

O primeiro amante de Emma Bovary foi Rodolfo. A cena que precede o primeiro beijo é antológica. Enquanto os políticos do pequeno vilarejo discursam sobre o respeito às leis e da prática dos deveres, Rodolfo inicia o jogo de sedução tocando no ponto central que faz amolecer as pequenas resistências de Emma:

- “Ora! Lá vêm os deveres – disse Rodolfo. Estou farto dessa palavra! Um bando de velhos papalvos, de colete de flanela, e beatas de aquecedor nos pés e rosário nas mãos, cantando eternamente ao nosso ouvido: o dever! O dever! Ora...o dever é sentir o que é grande, querer o que é belo, e não aceitar todas as convenções da sociedade, comas ignomínias que ela nós impõe.

- No entanto... no entanto... –objetou a Sra. Bovary

- Não! por que bradar contra as paixões? Não são a única coisa bela que há sobre a terra, a origem do heroísmo, do entusiasmo, da poesia, da música, das artes, de tudo, enfim?

- Mas sempre é preciso seguir um pouco a opinião do mundo e observar a moral.

- Muito bem –volveu ele. Mas é que há duas no mundo. A pequena, a convencional, a dos homens, a que varia incessantemente, a que branda com força, agitando-se cá embaixo, a terra-a-terra, como essa reunião de imbecís que a senhora vê. A outra, porém, a eterna, essa rodeia tudo e está acima de tudo, como a paisagem que nos circunda e o céu azul que nos ilumina”¹⁹.

A relação amorosa com seu amante mudou a conduta da Sra. Bovary: “Seu olhar se fez mais ousado, mais livres as palavras. Foi inconveniente ao ponto de

¹⁸ FLUABERT, Gustave *Madame Bovary*, tradução de Araújo Nabuco, São Paulo:Abril Cultural, 1979, pp.32, 48 e 148 (respectivamente).

passar, com Rodolfo, cigarro na boca, como a afrontar o mundo. Afinal, os que ainda duvidavam deixaram de fazê-lo, quando viram descer, um dia, da Andorinha, o busto apertado num colete, como um ‘homem’²⁰.

O segundo amante da Sra Bovary foi León. Um jovem advogado que Emma conheceu no vilarejo de Yonville. O reencontro com León no hotel em Ruão é regado às mesmas indagações sobre a condição feminina que envolvia o encontro com Rodolfo. Vejamos como Flaubert monta a cena:

- “Resolveu-se, então a ficar? –acrescentou ele.
- Sim, mas fiz mal. Não devemos acostumar a prazeres impossíveis, tendo à nossa volta mil exigências...
- Imagino...
- Não, não pode imaginar, porque não é mulher.

Mas os homens tinham também seus aborrecimentos, e a conversa nasceu de várias reflexões filosóficas. Emma estendeu-se muito sobre a miséria das afeições mundanas e o eterno isolamento em que o coração fica sepultado”²¹.

Flaubert descreveu a relação sexual da Sra Bovary com seu jovem amante de maneira espetacular: “E, no cais, entre fardos e barricas, nas ruas, parados às portas, os burgueses abriam muito os olhos, ante aquela coisa tão extraordinária na província: uma carruagem, com cortinas descidas, e que reaparecia continuamente, mais fechado que um túmulo e balançando como se fosse um navio”²².

O filme de Claude Chabrol procura os vestígios da personagem de Flaubert na composição do cenário, figurino e na estupenda interpretação de Isabelle Huppert no papel de Emma Bovary. A construção estética do filme é de uma precisão arqueológica ao retratar a vida pequeno-burguesa da primeira metade do século XIX. Uma cena digna de nota: Após a primeira noite de núpcias da camponesa Emma com o médico Bovary, seu dedicado marido pergunta: “Diga-me Emma, o que deseja?” Esta pergunta percorre toda a história. Buscando nomear seu desejo, Emma Bovary aventura-se num mundo encantador, onde a fantasia se

¹⁹ Idem, pp.109-110.

²⁰ Ibidem, p.144.

²¹ Ibidem, p.174.

²² Ibidem, p.183.

sobrepõe à realidade. Seu desejo é revestido pela modernidade, onde o valor se converte em moeda. A cena em que Emma joga moedas ao indigente é exemplar.

As obras literárias fornecem o substrato estético para um tipo particular de filme: as adaptações. Traduzir em imagens e sons aquilo que só a leitura é capaz de nos fornecer. O cineasta nos apresenta a obra literária através de seus olhos. Através do visível (o texto) o filme procura nomear o invisível, as imagens que a leitura provoca. A imaginação do leitor é convocada na literatura a exercer o papel do invisível. No filme, o espectador, embarca na imaginação do autor-diretor. É Chabrol quem dirige nossa imaginação através de belíssimas paisagens. Adaptar uma obra literária para o cinema é construir uma outra obra. Muito embora a história seja a mesma, são duas obras que se sobrepõe, de tal forma que não é possível pensar em termos de fidelidade do diretor ao autor. São dois autores. A querela discussão sobre a fidelidade do diretor à obra adaptada é no mínimo descabida.

Para finalizar, Chabrol realizou uma crítica pesada à burguesia em seu filme. Soube capturar em Flaubert o desmascaramento do romantismo liberal. Numa entrevista, o diretor afirmou: “Penso que sem imaginação não existe felicidade. È o que me aterroriza na burguesia, e na burguesia da província em particular. Ela não têm imaginação. Concentra todos os seus esforços na posse, e aposse nunca trouxe felicidades. O que é terrível em uma sociedade é que as noções estejam mascaradas. Em nenhum momento, um burguês que se conduz de maneira terrível tem a impressão de se conduzir assim. Eles têm a impressão de seguir regras morais”.